

---

## CULTURA, EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA: INTERFACES ENTRE O ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DOS DITOS POPULARES NA SALA DE AULA

**Cultura, Educación y Geografía: interfaces entre la Enseñanza de Geografía y el uso de los dichos populares en el aula**

**Culture, Education and Geography: interfaces between the Geography Teaching and the use of popular sayings in the classroom**

**Culture, Éducation et Géographie: interfaces entre l'enseignement de la géographie et l'utilisation des dictons populaires en classe**

José Vitor Rossi Souza  
UNESP Rio Claro – SP  
[jrossisouza@gmail.com](mailto:jrossisouza@gmail.com)

Beatriz Magalhães Santos  
UNESP Rio Claro – SP  
[bmagalhaes357@gmail.com](mailto:bmagalhaes357@gmail.com)

Artigo recebido para publicação em 15/04/2018 e aceito em 25/08/2018

DOI: 10.12957/tamoios.2018.33674

**Resumo:** O presente artigo se propõe a discutir a intersecção entre temas relacionados à cultura, educação e Geografia, pensando os ditos populares como dispositivos didáticos a serem utilizados nas aulas de Geografia. A cultura, a qual abarca múltiplos conhecimentos, inclusive a sabedoria popular, possui inúmeras definições, constituindo-se através da relação entre homem e natureza. Ao adquirir esse repertório cultural, os seres humanos se utilizam das formas de comunicação, como a oralidade, para transmiti-lo, o que inclui os ditos populares como meio de aquisição de saberes necessários à sobrevivência e como instrumento de resistência frente ao mundo globalizado. Nesse contexto, ao pensar as formas e as razões do fazer educativo, encontram-se diversos espaços em que a educação pode se efetivar, mas levando em consideração a centralidade da instituição escolar como responsável por esse processo, constata-se a exclusão da sabedoria popular do conjunto de conhecimentos que são transmitidos através das disciplinas que compõe o currículo escolar. Por isso defendemos o uso do saber popular em sala de aula, principalmente nas aulas de Geografia, pensando o ensino de forma plural, interdisciplinar e multilíngüístico, porém sem advogar em favor da supremacia de um tipo de conhecimento em detrimento de outros.

**Palavras-chave:** Cultura; Educação; Geografia; Ensino; Ditos populares.

**Resumen:** El presente artículo se propone discutir la intersección entre temas relacionados a la cultura, educación y Geografía, pensando los dichos populares como dispositivo didáctico a ser utilizados en las clases de Geografía. La cultura, que abarca múltiples conocimientos, incluso la sabiduría popular, posee innumerables definiciones, constituyéndose a través de la relación entre hombre y naturaleza. Al adquirir ese repertorio cultural, los seres humanos se utilizan de las formas de comunicación, como la oralidad, para transmitirlo, lo que incluye los dichos populares como medio de adquisición de saberes necesarios para la supervivencia y también como instrumento de resistencia frente al mundo globalizado. En este contexto, al pensar las formas y las razones del hacer educativo, se encuentran diversos espacios en que la educación puede realizarse, pero teniendo en cuenta la centralidad de la institución escolar como responsable de ese proceso, se constata la exclusión de la sabiduría popular del conjunto de conocimientos que se transmiten a través de las disciplinas que componen el currículo escolar. Por eso defendemos el uso del saber popular en el aula, principalmente en las clases de Geografía, pensando la enseñanza de forma plural, interdisciplinaria y multilingüe, pero sin abogar en favor de la supremacía de un tipo de conocimiento en detrimento de otros.

**Palabras clave:** Cultura; Educación; Geografía; Enseñanza; Dichos populares.

**Abstract:** This article proposes to discuss the intersection between topics related to culture, education and geography, thinking the popular sayings as a didactic device to be used in Geography classes. Culture, which encompasses multiple knowledge, including popular wisdom, has innumerable definitions, constituting itself through the relationship between man and nature. By acquiring this cultural repertoire, human beings use forms of

---

communication, such as orality, to transmit it, which includes popular sayings as a means of acquiring the knowledge necessary for survival and also as an instrument of resistance to the globalized world. In this context, when thinking about the forms and the reasons for the educational process, there are several spaces in which education can take place, but taking into account the centrality of the school institution as responsible for this process, the exclusion of popular wisdom of the set of knowledge that is transmitted through the disciplines that make up the school curriculum. Therefore, we defend the use of popular knowledge in the classroom, especially in Geography classes, thinking of teaching in a plural, interdisciplinary and multilingual way, but without advocating for the supremacy of one type of knowledge over others.

**Keywords:** Culture; Education; Geography; Teaching; Popular sayings.

**Résumé:** Cet article propose de discuter de l'intersection entre les sujets liés à la culture, l'éducation et la géographie, en considérant les dictons populaires comme un dispositif didactique à utiliser dans les cours de géographie. La culture, qui englobe la connaissance multiple, y compris la sagesse populaire, a d'innombrables définitions, se constituant à travers la relation entre l'homme et la nature. En acquérant ce répertoire culturel, les êtres humains utilisent des formes de communication, comme l'oralité, pour le transmettre, ce qui inclut les dictons populaires comme moyen d'acquérir les connaissances nécessaires à la survie et aussi comme un instrument de résistance au monde globalisé. Dans ce contexte, en réfléchissant aux formes et aux raisons du processus éducatif, il y a plusieurs espaces dans lesquels l'éducation peut avoir lieu, mais en tenant compte de la centralité de l'institution scolaire comme responsable de ce processus, l'exclusion de la sagesse populaire de l'ensemble des connaissances transmises à travers les disciplines qui composent le programme scolaire. Par conséquent, nous défendons l'utilisation des connaissances populaires dans la classe, en particulier dans les classes de géographie, en pensant à enseigner de manière plurielle, interdisciplinaire et multilingue, mais sans préconiser la suprématie d'un type de connaissance sur les autres.

**Mots-clés:** Culture; Éducation; Géographie; Enseignement; Dictons populaires.

---

## INTRODUÇÃO

A escola possui uma função social, em outras palavras, a escola assume o compromisso, perante a sociedade, de ser um espaço onde se materialize a humanização e libertação do sujeito histórico em formação. Deste modo, espera-se que a partir do processo de ensino-aprendizagem, incentive-se a reflexão crítica sobre a realidade, o que, por conseguinte, conduziria a mudanças desejáveis para uma sociedade mais justa e igualitária.

Contudo, é sabido que a realidade da educação brasileira caminha a passos lentos. Com isso, quais seriam as possíveis práticas e dispositivos mediadores que o professor precisa ter para atender as necessidades dos educandos? Ademais, é preciso questionar as práticas pedagógicas e seu papel na abordagem do conhecimento geográfico, ou seja, se as ações empregadas pelo docente em sala de aula colaboram para uma eficaz construção do saber. E para além, refletir se o ensino da Geografia observado corresponde aos objetivos de uma formação cidadã, isto é, o aluno recebe estímulos para pensar e analisar criticamente sobre o que aprendeu e conseguir transpor esta reflexão para a sua realidade?

A partir dessas provocações, através de um exercício exploratório, esse artigo propõe a discussão da intersecção entre temas relacionados à Cultura, Educação e Geografia, pensando os ditos populares como dispositivos didáticos a serem utilizados nas aulas de Geografia e como forma de pensar uma educação humanizadora, de modo que, ao fomentar o processo de ensino-aprendizagem na Geografia por meio da sabedoria popular, o educando traz de sua vivência saberes para complementar o conhecimento científico encontrado nos bancos escolares.

Nesse sentido, parte-se do ponto que educação não é neutra e que um dos papéis do educador é mostrar “os dois lados da moeda”. Portanto, o ato de ensinar não deve ser dicotômico, mas sim que inter-relacione a sabedoria popular e o conhecimento científico, para que dessa forma possa a escola, diante de seu papel social, despertar o poder da transformação social. Nesse contexto, é importante destacar que defendemos o uso do saber popular em sala de aula, principalmente nas aulas de Geografia, pensando o ensino de forma plural, interdisciplinar e multilinguístico, porém sem advogar em favor da supremacia de um tipo de conhecimento em detrimento de outros.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em cinco partes. Na primeira parte, explanaremos sobre a definição de Cultura e sabedoria popular, bem como os ditos populares como linguagem popular e forma de resistência frente ao mundo globalizado. Posteriormente, buscar-se-á debater a importância de se pensar as formas e as razões do fazer educativo, a partir de um debate da intersecção entre a educação, cultura e a escolarização. Em um terceiro momento, discutiremos sobre a Geografia enquanto matéria escolar e Ciência e o contexto histórico em que estas surgiram. Em um quarto momento, refletiremos como utilizar os ditos populares como dispositivo didático no ensino de geografia, propondo-se atividades para tal. E, por fim, as considerações finais.

## CULTURA E SABEDORIA POPULAR: PRIMEIRAS PALAVRAS

Inicialmente, para se compreender as interfaces entre o ensino de geografia e os ditos populares, se faz necessário apresentar alguns conceitos relacionados a temática. Entre eles, o conceito de Cultura, já que se pressupõe que os ditos populares pertencem a uma cultura ou, quando se amplia o olhar, a diversas culturas.

Atualmente, não há um conceito definitivo de cultura, sendo que os antropólogos concebem que a discussão do que é cultura provavelmente não se findará, pois para se ter uma interpretação exata do conceito necessitar-se-ia da compreensão da própria natureza humana, a qual se relacionam reflexões infundáveis e que não há somente uma resposta única e certa.

---

(LARAIA, 2009).

Não obstante, há possibilidade de se realizar uma síntese dos tópicos basilares que compõem uma cultura. Em nossa concepção, a cultura possui um sistema simbólico codificado e esses códigos podem ser compreendidos por sujeitos da mesma cultura (GONDIM, 2007). Em vista disso, vale destacar que esses códigos são produtos da relação do homem com a natureza e que o resultado dessa construção é passado para as novas gerações. Estes sucessores podem transformar ou até mesmo criar novos códigos a partir da construção de experiências vividas com a natureza, ou seja, a cultura está sempre em movimento.

No decorrer de sua história, os seres humanos notaram a necessidade da construção de conhecimentos/saberes práticos, frutos da relação homem-natureza. Esses saberes passaram por um crivo onde se notava o que era útil à sua sobrevivência e, conseqüentemente, eram repassados para as novas gerações como saberes populares/conhecimento tradicional, dentro de uma dada cultura.

Atualmente há diversas definições acerca do que é saber popular. Para Dickmann (2008, p. 70) “o saber popular é entendido como aquele adquirido nas lutas, que não está escrito nos livros, aquele que é fruto das várias experiências vividas e convividas em tempos e espaços diversos na história do povo”. Enquanto para Marconi e Lakatos (2005, p. 75), o saber popular é “geralmente típico de camponês, transmitido de geração para geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal”. Ao passo que para Chassot (2006, p. 207), o saber popular é “aquele que detém, socialmente, o menor prestígio, isto é, o que resiste a menos códigos” e complementa que, “aliás, popular pode significar vulgar, trivial, plebeu. Talvez devêssemos recordar que este saber popular, em algum tempo, foi/é/será um saber científico”.

Desses vários conceitos supracitados podemos depreender que uma das formas de se expressar esses conhecimentos/saberes populares adquiridos é através da oralidade, usufruindo-se da linguagem popular. Como afirma Guimarães (2002, p. 98) “a linguagem popular é aquela em que prevalece a função de comunicar. Manifesta-se de modo oral, escrito ou ainda por meio de gestos, com certo predomínio da primeira forma”. Um destes exemplos de linguagem popular são os ditos populares.

O dito popular ou ditado popular é uma frase composta por um pequeno texto, que tem como finalidade a transmissão dos conhecimentos cotidianos de uma forma simples. E, que segundo Souza e Magalhães (2017, p. 5.546) “cada sociedade desenvolve seus ditos populares conforme suas características econômicas, culturais, sociais e políticas. Isto é, os ditos populares assumem formas e conteúdos distintos dependendo de cada situação de aprendizado e lugar que é criado e reproduzido”.

Em vista disso, é válido ressaltar que esses saberes populares que se encontram intrínsecos na sabedoria popular (e que por muitas vezes são transmitidos através de ditos populares) são diferentes do senso comum. Como elucida Almeida (2010, p. 67), “diferentemente do senso comum, os saberes da tradição arquitetam compreensões com base em métodos sistemáticos, experiências controladas e sistematizações reorganizadas de forma contínua”.

Portanto, o saber popular “é produzido por grupos específicos, não permeando a sociedade como um todo. São conhecimentos que permitem ao grupo viver melhor, mas não têm a função de orientação, como o senso comum” (XAVIER E FLÔR, 2015, p. 313). Em suma, o saber popular possui sentidos distintos para cada grupo e suas culturas, “enquanto o senso comum aponta para a universalidade e para a uniformidade, o saber popular aponta para a especificidade e para a diversidade” (LOPES, 1993, p. 18). E que devido esses saberes não terem como objetivo central uma crítica coletiva perene e que estão inseridos em um meio dinâmico que é a cultura, eles podem ser atualizados, negados, refutados e reformulados.

Atualmente, nota-se no Brasil uma riquíssima variedade em ditos populares. Isso se

deve aos conhecimentos prévios advindos das três matrizes étnicas que originaram e compõe o povo brasileiro – a matriz indígena, afro e a portuguesa (RIBEIRO, 1995, p. 20). Essa composição multiétnica se materializa diretamente na diversidade da sabedoria popular brasileira, e, mais especificamente, nos ditos populares. Uma das formas principais dessa diversidade pode ser notada nos ditos populares ligados às questões/elementos da natureza, mais precisamente ligados às questões climáticas e as previsões meteorológicas, sendo fundamentais na garantia da sobrevivência, como elucidado por Souza e Magalhães (2017, p. 5547):

Por meio da sabedoria popular, as populações vêm desenvolvendo um conhecimento que lhe proporcionou se adaptar às idiossincrasias da natureza local e estabelecer um equilíbrio dinâmico e convivência coerente entre homem e natureza. Além de promover uma convivência mais harmoniosa, a sabedoria popular traz consigo uma forma de resistência para a sobrevivência de certas comunidades.

Como corroborado por Silva *et al.* (2014, p. 774), um destes exemplos se encontra no território brasileiro, mais especificamente, no Nordeste e os seus sertanejos e os Profetas das Chuvas, os quais são providos de saberes populares a respeito de condições climáticas – entre eles estão as "experiências de inverno", ou melhor, os sinais que a natureza dá acerca do tempo (no sentido meteorológico), do que está por vir.

Conforme a pesquisa intitulada "Conhecimento Tradicional e Previsões Meteorológicas: Agricultores Familiares e As Experiências de Inverno", coordenada pela geógrafa Stéphanie Nasuti, ligada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB), boa parte das comunidades que vivem na região do Seridó Potiguar, que compreende municípios dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, acreditam e empregam a sabedoria popular para a produção agropecuária:

Dentre os que afirmaram conhecer as "experiências de inverno", cada entrevistado relatou em média 2,1 experiências. Cerca de 90% dos entrevistados aprenderam as "experiências de inverno" com pessoas mais velhas, geralmente avós e pais. Cerca de 7% aprenderam prever o tempo a partir de experiências próprias, vivenciadas no campo e aproximadamente 3% aprenderam com a meteorologia divulgada na TV. Sendo assim, os dados elucidam a importância do conhecimento tradicional para as comunidades rurais visitadas e evidenciam a justaposição do conhecimento tradicional com o conhecimento científico. (NASUTI *et al.*, 2013, p. 394)

Dessa forma, com base nessa pesquisa, foi elaborado o quadro I com os principais elementos da natureza observados e interpretados pelos sertanejos:

Quadro I – Relação entre os elementos da natureza e o cotidiano dos sertanejos

Principais categorias observadas	Comportamento observado
Astros	Orientação com relação aos pontos cardinais; coloração, presença de nuvens.
Chuva	Presença ou não em algumas datas-chaves: Santa Luzia, São José (19/03), São Sebastião (20/01), São Pedro (29/06).
Vento	Redemoinho, vento do poente.
Relâmpago	Orientação com relação aos pontos cardinais; dia especial: Nossa Senhora da Luz (02/02).

Fonte: Dados organizados pelos autores com base no artigo "Conhecimento Tradicional e Previsões Meteorológicas: Agricultores Familiares e 'As Experiências de Inverno' no Semiárido Potiguar.

Desta forma, o que se constata é que a relevância das "experiências de inverno" perpassa informações esboçadas no decorrer da pesquisa citada, ou seja, a partir de uma função cultural, essa sabedoria popular contribui como uma forma de resistência, fortalecendo a capacidade de

adaptação da agricultura familiar do semiárido nordestino frente à variabilidade climática do lugar. Sendo o lugar um referencial importante para essas experiências vividas, pois é partir dessa categoria que se tem o produto das relações humanas entre o homem e a natureza. E, com base nessa relação dialética é que há a materialização da identidade e resistências com o lugar de vida, como elucidado por Carlos (1996, p.29):

O lugar é produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida.

Vale destacar que a sabedoria popular e sua linguagem popular (no caso, em forma de ditos populares) vão além dessa produção dialética, entre homem e natureza. Os saberes populares são formas também de sobrevivência e resistência frente ao mundo globalizado que se materializa em distintos lugares de forma desigual e hegemônica (SOUZA; MAGALHÃES, 2017).

No entanto, quando ampliamos o olhar, notamos que a sabedoria popular e sua linguagem popular ocupam significados de conhecimentos arcaicos, cristalizados, populares e tradicionais (nos sentidos depreciativos das palavras). Desse modo, em muitos casos, os conteúdos passados na educação formal, pelas escolas e universidades, correspondem a um conhecimento acerca da história da tecnociência. Isto é, uma única visão de mundo que, por consequência, acarreta em uma transmissão redutora e mutilante, sendo excluídos do âmbito da socialização e comunicação oficial, como comentado por Almeida (2010, p. 61):

Os conteúdos hoje transmitidos pelas escolas e universidades correspondem a uma história domesticada das descobertas do homem. Mais que isso, se restringe à história vitoriosa, a que constituiu os grandes paradigmas. Está fora de circulação a diversidade de explicações, especulações e métodos de olhar, classificar e hierarquizar os fenômenos do mundo pelos intelectuais da tradição. São os métodos científicos de previsão climática que são comunicados nas escolas e nunca os modelos seculares de leitura do ecossistema pelos peritos da tradição.

Portanto, como alerta Almeida (2010, p. 63) "não reconhecer a importância desses saberes ou tomá-los como um saber primitivo e menor é cuspir no próprio prato da aventura humana na Terra". Afinal, vale destacar que boa parte das grandes descobertas da ciência dita moderna teve como alicerce a experiência cotidiana de pessoas comuns (não cientistas), portadoras da sabedoria popular. Como por exemplo, a descoberta do antibiótico e a invenção da fotografia, dos corantes e pigmentos, da penicilina e a descoberta da vacina da varíola (ROBERTS, 1993).

Nessa perspectiva, vale ressaltar que este artigo não caminha na defesa de uma supremacia da sabedoria popular sobre o conhecimento científico. Longe disso, acreditamos que o encontro entre o conhecimento científico no ensino de geografia e a sabedoria popular se torna inadiável. Ainda que se pense por estratégias e modelos distintos; mesmo que se compreenda um mesmo fenômeno de diferentes perspectivas, é, por isso mesmo, que há necessidade de se dialogar e procurar os campos de vizinhança entre esses modos de conhecer, destacando que todos os conhecimentos estão a devir.

## **EDUCAÇÃO, CULTURA E ESCOLARIZAÇÃO**

Ao discutir a educação, inicialmente surgem inquietações ligadas às razões e as formas do fazer educativo. Por que se educa? Para quem se educa? Como se educa? A partir delas

questiona-se sobre como esse processo pode ocorrer no âmbito da sociedade moderna, para além daquele que se desenvolve através da instituição escolar, a qual apresenta tal função como seu objetivo principal. De acordo com Kohan (2005, p.10): “há educação porque nasce outro ser e temos que responder de alguma forma a esse nascimento”.

Tal resposta pode ser desenvolvida para muito além da escola, extravasando os muros dos estabelecimentos de ensino existentes, para ocorrer em diversos momentos e espaços. A educação precede a escolarização e a formalização que ela encerra, materializada na estrutura das salas, dos materiais didáticos e na divisão entre as disciplinas ensinadas. Segundo Brandão (1981, p.13), “por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado”.

Ainda nesse entendimento, a educação informal que ocorre em diferentes espaços e por diferentes meios, citando a família, os amigos, a conversa na praça, é produtora de conteúdo e saberes próprios, que são responsáveis por um processo de construção da identidade entre o lugar em que se vive, as relações humanas e o patrimônio imaterial constituído por saberes e expressões, como por exemplo, os ditos populares, utilizados no cotidiano. Hall (2006, p.12) destaca que “a identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis”.

Então por que não resgatar esses componentes da educação informal para o âmbito da educação formal, representada pela escola? O sentimento de pertencimento do sujeito ao mundo cultural em que ele vive passa pelo estabelecimento de relações entre aquilo que ele tem contato nos bancos escolares com o repertório apreendido em outras extensões. Esse diálogo representa uma ponte entre o passado e o futuro, que valoriza aquilo que foi produzido pelas gerações anteriores e transmite para os novos indivíduos, que ressignificam os saberes para sua prática social.

A partir dessa ideia, constata-se que a educação construída por meio da escola muitas vezes exclui aquilo que é produzido pela estrutura social em outros espaços e em outros tempos. Indaga-se, portanto, quais são os conhecimentos ensinados pelas instituições de ensino e quais são os critérios de seleção dos conteúdos que serão ensinados, em detrimento da exclusão de outros. Nesse contexto, por que não resgatar a sabedoria popular como fonte de conhecimento sobre variados aspectos, sobretudo quando relacionados com a observação da natureza, para o interior da aprendizagem escolar?

O ensino escolar possui propósitos que precisam ser resgatados, a fim de que aquilo que se pratica se justifique pelos seus objetivos. A função social da escola e da educação remete a “formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam de ciência, da cultura, da arte, precisam saber das coisas, saber resolver dilemas, saber dos seus direitos e deveres, construir sua dignidade humana (...)” (LIBÂNEO, 2015, p.17). Fica evidente que o conjunto de conhecimentos, mediados pela escola, constituintes do processo de ensino-aprendizagem, devem contemplar a cultura e a sabedoria popular e não apenas o conhecimento científico.

É nessa perspectiva que a educação pode ser encarada a partir de uma abordagem que relaciona cultura popular e ensino das disciplinas, como a Geografia. Essa perspectiva necessita de um entendimento sobre as abordagens de cultura, sob a luz da conceituação da sabedoria popular, e sobre as tendências relacionadas com a Geografia Escolar, a qual pode ser estruturada a fim de contemplar a sabedoria contida nas formas, consideradas não-científicas, de conhecimento. Os ditos populares, abarcados por essa sabedoria, podem tornar-se, então, dispositivos didáticos voltados para o ensino das disciplinas escolares, envolvendo cultura e

---

Geografia como atributos componentes do processo educacional.

## A ESCOLARIZAÇÃO E A GEOGRAFIA

Quem surgiu primeiro: a Geografia ensinada nas escolas ou a Geografia desenvolvida nas universidades? A resposta a essa interrogação nos leva a entender o que é desenvolvido hoje nas escolas no que tange a Geografia. Esta é introduzida no conjunto das disciplinas escolares com a intenção inicial de criar uma identidade nacional, um sentimento patriótico de pertencimento nos estudantes. Assim, “foi por meio do ensino primário que começou a ser tramada a necessidade de sua entrada no ensino superior” (TONINI, 2006, p.39).

Posteriormente, a Geografia acadêmica passou a ser a referência para a sistematização daquilo que seria ensinado nas escolas. Conforme as universidades desenvolviam novas teorias e correntes geográficas, as escolas foram incorporando essas às novas tendências, sem necessariamente abandonar as antigas. A exemplo disso contata-se a introdução da Geografia Crítica na abordagem dos conteúdos escolares sem mesmo romper com as concepções e formas de ensinar derivadas da Geografia Tradicional. Esse ecletismo de correntes é possível de ser verificado quando se investigam os manuais didáticos utilizados ou mesmo observa-se a prática dos docentes de Geografia.

Essa incorporação da Geografia acadêmica na escola pode ser problematizada considerando dois aspectos. O primeiro deles se refere a exclusão de uma cultura propriamente escolar, desde o saber fazer até a seleção dos conteúdos ensinados, para dar lugar aquilo que é desenvolvido fora da escola pela Geografia. Nesse caso, o conceito de transposição didática (Chevallard, 1997) se insere em uma concepção de que a Geografia escolar é uma adaptação da acadêmica, como se houvesse apenas essa fonte de conhecimento.

O segundo ponto é alusivo a supremacia do conhecimento científico sobre o saber popular. Ambas as formas apresentam suas especificidades, ligadas aos princípios de sua constituição e suas intencionalidades. Porém, a valorização e a legitimidade de cada uma dessas sapiências, seja ela científica ou não, é realizada de forma diferencial na escola. No geral, ressalta-se pouco o repertório proveniente da sabedoria popular, especificamente na Geografia, quando na verdade essa fonte de conhecimento pode ser usada como dispositivo para a observação e correlação entre elementos e fenômenos da natureza.

As origens dessa exclusão da sabedoria popular na sociedade e consequentemente no ensino de Geografia têm suas raízes na Revolução Industrial e a Revolução Científico-Tecnológica, ocorrida a partir de 1870, as quais reforçaram a ideia de que o mundo deveria ser explicado através da razão e dos conhecimentos empíricos, como se apenas esses fossem válidos para a humanidade, justificando esse paradigma pela rigorosidade e metodologias próprias do fazer científico, consideradas superiores às outras categorias do conhecimento, entre eles o popular, o filosófico e o religioso. O que se exclui nesse ideal de explicação racionalista e mecanicista da realidade é que:

Na modernidade, o saber científico teve a mesma base do saber popular - a referência na experiência, definida pela relação causa-efeito. Por sua vez, caminha pela busca do algo novo, que é a intervenção do pensamento por meio das formulações de hipóteses a serem demonstradas, vinculando, desde o início, a experiência à mesma relação. (SILVA; MELO NETO, 2015, p. 141).

A partir dessa concepção é possível observar que a experiência, base para a construção da sabedoria popular, é também primordial para a formulação, sistematização e validação do conhecimento científico. Então o porquê do abandono do saber de tradição como algo válido para explicar a realidade e as questões geográficas? Isso se relaciona com a dissolução da cultura popular tradicional, como comenta Sevcenko (2002, p. 78), ocorrida com a saída dos



trabalhadores do campo em direção às áreas urbanas. Nas práticas cotidianas dos agricultores, a observação dos ciclos da natureza, dos fenômenos, elementos e relações presentes no espaço vivido, era uma questão de sobrevivência e a compilação desses saberes era necessária de ser acumulada e repassada para as próximas gerações.

Por isso, é nessa perspectiva que podem ser discutidas alternativas para o ensino de Geografia que não tenham apenas como referência a matriz teórica desenvolvida nas universidades pela ciência geográfica, nem somente supervalorize a ciência a ponto de encará-la como a única fonte de conhecimento a ser mediada por meio da educação formal, promovida pela escola. Assim, o conhecimento escolar, mais especificamente o geográfico, pode ser construído contemplando conhecimentos de diferentes origens, como aqueles contidos nos ditos populares ligados à observação da natureza, prática abandonada na vida urbana.

Inicialmente é preciso pensar por que se ensina Geografia nas escolas nos dias de hoje e como os ditos populares podem ser utilizados como dispositivo-suporte para a prática docente. Como cita Callai (2005, p. 228-229), “ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades” constitui os objetivos principais do ensino dessa disciplina no ambiente escolar. Lembrando que a introdução de uma alfabetização geográfica deve ser iniciada já nos primeiros anos do ensino fundamental.

Sobre a leitura do lugar, das paisagens e do espaço, como cita a autora, ela pode ser instrumentalizada através dos provérbios. Muito dos conhecimentos científicos desenvolvidos na Geografia, sobretudo nas áreas da Climatologia, Geomorfologia e Pedologia, estão destacados nos chamados *refrões* com outra linguagem e estruturação. Não se trata em comparar qual das explicações é a melhor ou a mais válida, seja ela da sabedoria popular ou da científica. Cabe ao processo educacional fornecer para os educandos as duas linguagens, como forma de valorizar ambos os conhecimentos e reiterar o papel da sabedoria popular na construção da identidade.

Pensando na educação brasileira, a inserção dos ditos populares na Geografia Escolar precisa ser analisada com base nos documentos de referência para o ensino da disciplina, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e também nos materiais que subsidiam a prática docente em Geografia. Sobre as duas referências citadas, nelas estão definidos os objetivos para o ensino de Geografia nas escolas. Alguns deles se relacionam especificamente com a intencionalidade de utilizar os provérbios em sala de aula para a discussão de conteúdos geográficos.

Nas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais estão presentes os objetivos gerais da Geografia para o Ensino Fundamental. No universo dos oito propósitos apresentados, destacam-se dois deles pela sua relação entre um ensino plural no âmbito das linguagens/conhecimentos e também na valorização do patrimônio cultural brasileiro evidenciado através da sabedoria popular contida nos ditos populares. São eles:

Fazer leituras de imagens, de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo a interpretar, analisar e relacionar informações sobre o espaço geográfico e as diferentes paisagens/ Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e um elemento de fortalecimento da democracia (BRASIL, 2000, p.122).

Assim como nos PCNs, a Base Nacional Comum Curricular também expõe as intencionalidades de ensinar Geografia no Ensino Fundamental no módulo das habilidades a serem desenvolvidas no conjunto dessa disciplina. Entre as finalidades dispostas no documento, destaca-se duas delas, em que se contempla a recorrência a diferentes gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem e a utilização de diferentes formas de entender a realidade, que pode ser compreendida, sobretudo quando se relacionar com temáticas físico-naturais,

---

através dos ditados:

Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas/ Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia (BRASIL, 2017, p.362).

Além dos documentos de referência para a Educação, existem também os dispositivos didáticos utilizados em sala de aula. O entendimento sobre quais deles fazem parte do cotidiano escolar passa por destacar a centralidade do livro didático como suporte para a construção do conhecimento por parte dos professores e alunos do país. Mas apesar de, em determinadas situações, constituir-se o único guia de ensino, deve ser entendido, apenas, como um dos instrumentos que professores e alunos dispõem para o desenvolvimento do conhecimento em sala de aula (STEINKE; FIALHO, 2017, p.73).

Pontuschka *et al* (2007) ao discutir o papel do livro didático no ensino de Geografia, acredita que o mesmo não pode apresentar-se como um conjunto de informações sem nexo e correlações. A autora critica a falta de articulação entre o conteúdo dos materiais didáticos e a realidade dos alunos, nos quais pouco traz significado entre as matérias curriculares e a vivência dos alunos, o que acaba por repercutir na maior possibilidade de não haver interesse dos mesmos pelo conteúdo da disciplina.

Com relação aos livros didáticos, eles se constituem não só um dispositivo didático, mas também como uma mercadoria a ser comercializada, muitas vezes custeadas por recursos públicos (SPOSITO, 2006, p.56). Eles se enquadram na política pública do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que cuida da avaliação, aprovação e distribuição desses manuais para as unidades escolares do país. Em pesquisa recente, foram analisadas seis coleções aprovadas pelo PNLD 2014-2016 e duas coleções do PNLD 2017-2017 e percebeu-se que esses materiais não utilizam ditos populares na apresentação dos conteúdos de Geografia.

Tal abordagem verificada reitera a ideia de que a linguagem adotada nesse tipo de dispositivo, as experiências propostas e os exercícios de fixação do conteúdo excluem a sabedoria popular do repertório que é trabalhado na escola. Os materiais não contemplam, por exemplo, uma pesquisa que pode ser feita, utilizando essas expressões como base, para entender, por exemplo, elementos, fatores e fenômenos do clima. O descarte desse tipo de linguagem, que pode ser muito efetiva no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, assim como o uso de mapas, tabelas, gráficos, imagens, vídeos e produção de dispositivos didáticos, mediados pelo professor, acaba por distanciar o aluno dos conteúdos, sendo que existem alternativas para uma aproximação.

Esse distanciamento entre os educandos e o conteúdo de Geografia abordado nos manuais didáticos pode dar lugar a uma aproximação com o cotidiano, que tem como meio os ditos populares. As temáticas físico-naturais, principalmente, podem ser trabalhadas de acordo com esse tipo de linguagem, já que muitos dos provérbios têm sua origem na relação entre o homem e a natureza e das observações/sínteses geradas por esse processo.

Expressões como “asas abertas no galinheiro, sinal de aguaceiro” e “gato a se lamber, mau tempo vai fazer” evidenciam relações entre o comportamento dos animais e as mudanças do tempo atmosférico, como apontadas por Dunwoody (2008), destacando o conhecimento científico relacionado com as afirmações presentes nas máximas da sabedoria popular. Porém o foco desse artigo não é apenas entender se as expressões populares são fundamentadas de acordo com o conhecimento científico e sim como utilizá-las nas aulas de Geografia, estabelecendo uma ligação entre os conhecimentos científicos e populares e entre a educação

formal e a educação informal, concebidas em diferentes linguagens e espaços segundo Gohn (2006).

## GEOGRAFIA E ENSINO: O USO DOS DITOS POPULARES

Os objetivos desse excerto do artigo remetem ao entendimento de alguns princípios da Geografia presentes nos ditos populares cotidianos e também a proposição de uma atividade prática que envolve aquilo que foi discutido nesse trabalho, tendo como alvo seu uso em sala de aula. É interessante sublinhar que esse exercício não deve ficar restrito apenas às aulas de Geografia, podendo englobar outras disciplinas escolares, como Português, História e Ciências.

Essa perspectiva de interdisciplinaridade não está apenas pautada em uma combinação de disciplinas da grade curricular por meio dos provérbios. Ela remete a uma interação entre Geografia Acadêmica e Geografia Escolar, além de uma abordagem escolar que trabalha o saber popular e o conhecimento científico sem sobrepor-los. Por isso:

A interdisciplinaridade, como fenômeno gnosiológico e metodológico, está impulsionando transformações no pensar e no agir humanos em diferentes sentidos. Retoma, aos poucos, o caráter de interdependência e interatividade existente entre as coisas e as ideias, resgata a visão de contexto da realidade, demonstra que vivemos numa grande rede ou teia de interações complexas e recupera a tese de que todos os conceitos e teorias estão conectados entre si. Ajuda a compreender que os indivíduos não aprendem apenas usando a razão, o intelecto, mas também a intuição, as sensações, as emoções e os sentimentos. É um movimento que acredita na criatividade das pessoas, na complementaridade dos processos, na inteireza das relações, no diálogo, na problematização, na atitude crítica e reflexiva, enfim, numa visão articuladora que rompe com o pensamento disciplinar, parcelado, hierárquico, fragmentado, dicotomizado e dogmatizado que marcou por muito tempo a concepção cartesiana de mundo. (THIESEN, 2008, p.552-553)

No que se refere aos conteúdos trabalhados na Geografia Escolar e que estão presentes nos ditos populares, foram selecionados alguns deles para evidenciar essa relação. Um provérbio muito utilizado no cotidiano é “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, remetendo ao sentido da persistência nas ações da vida como forma de alcançar aquilo que se deseja. Mas também pode significar o processo denominado de intemperismo, que se constitui como um “conjunto de processos mecânicos, químicos e biológicos que ocasionam a desintegração e decomposição das rochas” (GUERRA, 1980, p.237).

Outro *refrane*, (Céu pedrento é sinal de chuva e vento”), conectado às noções de tempo e clima, se relaciona com a observação do céu e das nuvens como evidências para a previsão do tempo.

Este provérbio popular relata a mudança do tempo indicada pelas nuvens **Cirros**, **Cirroscumulus** e **Alto cumulos**, na qual a presença destas antecipa a chegada de uma frente fria, gerando a movimentação do ar referente aos diferentes campos barométricos. O céu “pedrento” é uma alusão a “pedras”, ou seja, nuvens de alta e média altitude. Estes três tipos de nuvens indicam a entrada de uma frente fria. Após a sinalização da chegada de uma frente fria, ocorrem chuvas fortes, geradas pela nuvem **Cumulonimbos**, nuvem esta que caracteriza precipitações intensas e de grande extensão vertical. (MAIA; MAIA, 2010, p. 68).

A discussão sobre os ditados deve contemplar que eles não são exclusivos da língua portuguesa, existindo também em outros idiomas. Nesse caso, a percepção sobre o contexto em que ele se insere é fundamental para entendê-lo em uma perspectiva espaço-temporal. Muitos falam sobre regiões e culturas distantes do nosso cotidiano, mas possuem objetivos semelhantes quanto a transmissão de conhecimentos de origem popular, sobretudo pela via oral. Entre eles podemos citar dois de origem francesa, que também expõe considerações sobre as condições

atmosféricas: “Vento suão, chuva na mão” e “vento quente tem cauda branca”, destacados por Lacerda *et al* (2004, p.485).

Já a atividade prevista utilizando os ditos populares é baseada no trabalho de Souza e Magalhães (2017, p. 5552-5553). Ela consiste em utilizá-los como dispositivo didático nas aulas de Geografia, pensada inicialmente para ser desenvolvida no Ensino Fundamental, sobretudo nos anos em que a tipologia de conteúdos físico-naturais é mais recorrente. A estruturação da proposta pode ser também adaptada para contemplar assuntos de outras disciplinas escolares, ou discuti-las de forma integrada naquela que será exposta a seguir:

#### Atividade 1: Os ditos populares como dispositivo didático nas aulas de Geografia

1. Solicitar os alunos que realizem uma pesquisa sobre ditados populares utilizados por eles, seus familiares e amigos no cotidiano. O levantamento pode ser feito utilizando meios como jornais, revistas e internet, mas a principal fonte, que deve ser destacada, deve ser os saberes populares provenientes de entrevista com as pessoas, reforçando a centralidade da transmissão oral como principal via de difusão dos provérbios.
2. Estimular o debate sobre o valor atribuído pela sociedade aos tipos de conhecimentos existentes. Trata-se de questionar o porquê o conhecimento científico recebe maior prestígio em relação a desconsideração da validade do saber popular. A valorização de ambos passa por reconhecer a importância e a especificidade de cada um deles.
3. Após a reunião dos ditados populares trazidos pelos alunos, escrever cada um deles em uma ficha.
4. Dividir a sala em grupos e fazer a distribuição das fichas para as equipes. O número de ditados recebidos por cada uma deve ser o mesmo, não importando se forem contempladas com os mesmos. Isso, inclusive, será importante para debater diferentes percepções sobre os sentidos geográficos contidos em cada um dos provérbios.
5. A seguir os alunos deverão relacionar aquilo que foi visto nas aulas de Geografia, como estudos sobre o relevo, o clima, a hidrografia, com as ideias contidas nos ditados populares. Essa interpretação deve ser encadeada com a possibilidade de reescrevê-los utilizando uma linguagem que contemple termos da Geografia Escolar. Ao invés da referência ser o conhecimento científico, a sabedoria popular ganha destaque por ser, a partir dela, a primeira fonte de pesquisa para a realização da atividade.
6. Posteriormente os grupos apresentarão seus resultados, os quais poderão ser organizados de diversas formas. O uso de cartazes, teatro, vídeo, fanzines, tabelas e jornal da escola podem ser vias para a exposição das considerações sobre a atividade.

A partir dessa prática, alguns aspectos pedagógicos podem ser observados, no que se refere a valorização do saber trazido pelo educando (FREIRE, 2016, p.31), no caso os ditos populares; desenvolvimento de atividades grupais, em que estão previstas a divisão de tarefas e o respeito ao outro; estabelecimento de relações entre o saber cotidiano e os conhecimentos geográficos e a apresentação do que foi aprendido em sala através de diferentes formas e linguagens.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o artigo proposto teve a intenção de suscitar a discussão acerca das temáticas relacionadas à Cultura, Educação, Geografia e como estas se relacionam com o uso dos ditos populares na sala de aula. A procura por respostas a essas questões leva a debater diferentes concepções sobre esses conceitos, fundamentais para compreender o mundo e a sociedade em que estamos inseridos.

Como foi visto, não é consensual a definição de cultura, já que pode ser encarada a partir

de diferentes concepções e compreendida por distintos olhares. A multiplicidade que marca esse conceito é verificada também na prática. Quando se analisa o caso brasileiro, percebe-se grande variedade de culturas, em que se inserem diferentes sabedorias, indispensáveis para a sobrevivência do homem em meio as idiossincrasias da natureza. Também apresentam caráter de resistência frente a um mundo globalizado, onde predominam relações hegemônicas no âmbito econômico, político e cultural, as quais muitas vezes acabam por destruir ou enfraquecer as especificidades dos saberes locais e regionais.

Após responder por que se compila e se transmite esses saberes, é preciso compreender de quais formas e através de quem eles são repassados. Vimos que a oralidade, que precede a grafia dos povos, cumpriu e cumpre papel essencial na difusão dos saberes populares, inclusive no caso dos ditados. A desvalorização dessa prática, em detrimento da valorização da escrita e da supremacia dos conhecimentos científicos, pode levar a uma desagregação entre aquilo que foi desenvolvido pelo homem em tempos remotos e as novas formas de analisar a realidade.

A vida urbana, a aceleração relativa do tempo e a individualidade acabaram por dissociar os indivíduos de sua relação com o meio natural e com os seus semelhantes, fazendo com que os seres humanos deixassem de intercambiar seus saberes, derivados da observação da natureza, com os demais. O próprio processo de escolarização, baseado na formalização por meio do currículo e dos manuais didáticos, acaba por excluir a sabedoria popular e a transmissão de conhecimentos pela oralidade para dar lugar ao ensino daquilo que é científico e está pautado no texto escrito.

Isso não representa que devemos polarizar a discussão na procura de argumentos para defender qual tipo de conhecimento é superior: o popular ou o científico. A resposta a essa questão não é e nem deve ser elucidada por meio desses escritos, já que defendemos a união entre as duas formas, sobretudo no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem. Ambos podem ser trabalhados e valorizados como complementares, inclusive pela origem que carregam. Suas especificidades devem ser ressaltadas como forma de entendê-los a partir de suas respectivas funções e importância.

Desse modo, a valorização da sabedoria popular no ensino escolar passa por uma concepção de educação que valoriza a pluralidade, as diferentes linguagens, o saber trazido pelo aluno, a construção coletiva do conhecimento e a busca pela compreensão da realidade que vivemos, aproximando-se da tendência pedagógica progressista “crítico-social dos conteúdos”, que defende que “a apropriação dos conteúdos escolares básicos que tenham ressonância na vida dos alunos”(LIBÂNEO, 1984, p.40) . As razões e formas do fazer educativo devem ser repensadas a fim de que o próprio currículo e o projeto político pedagógico possam embasar as práticas que tem, entre seus objetivos, a valorização da cultura popular.

No caso da Geografia, área do conhecimento que tem como objeto de estudo o espaço, pode e deve se munir de diferentes ferramentas para a compreensão daquilo que busca entender. Como vimos, os ditados populares são fonte de informações sobre a natureza e sua relação com a sociedade e podem ser utilizados no processo de ensinar e aprender Geografia. Destaca-se que o uso desse dispositivo nem deve ficar a essa disciplina, quando se intenta promover um ensino interdisciplinar, nem restrito a seu uso na escola. Sua aplicação deve extravasar as formalizações e se efetivar através de diferentes meios e objetivos.

Por último, a partir dos três eixos que nortearam este trabalho, pode-se considerar que, em todos os casos, o popular, o informal e o pré-científico precederam, respectivamente, uma cultura baseada na escrita e no científico, uma educação fundamentada na escolarização formal e uma sabedoria ancorada no conhecimento científico, com seus métodos de validação. Isso, mais uma vez, demonstra que a experiência, a sabedoria popular e a oralidade são base para a construção do conhecimento humano como conhecemos hoje. Entre outros motivos, é por esse fato que o resgate dos ditos populares na escolarização pode ser encarado como forma de valorização e resistência do saber popular nos dias de hoje, podendo ser considerado como

---

dispositivo no âmbito do ensino de Geografia e também de outras disciplinas escolares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria Física, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p.116.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: MEC, 2017, p.466.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC, 2000, 166 p.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo**: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. CEDES [online]. 2005, vol.25, n.66, p.227-247.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4<sup>a</sup> ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

CHEVALARD, Yves. **La Transposition didactique, Du savoir savant ou savoir enseigné**. Grenoble, La Pensée sauvage, 1991.

DICKMANN, Ivanio; DICKMANN, Ivo. **Primeiras palavras em Paulo Freire**. Passo Fundo: Battistel, 2008.

DUNWOODY, Henry Harrison Chase. **Weather Proverbs**. EUA: Lightning Source, 2008. p. 149

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 54. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2016. p.143.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1980. p. 446.

GUIMARÃES, Gerardo. **Repensando o folclore**. São Paulo: Manole, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, p.27-38, jan./mar. 2006.

GONDIM, Maria Stela da Costa. **A inter-relação entre saberes científicos e saberes populares na escola**: uma proposta interdisciplinar baseada em saberes das artesãs do Triângulo Mineiro. 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências)-Instituto de Física, Instituto de Química, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a,

2006. p. 102.

KOHAN, Walter. **Infância. Entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LACERDA, Roberto Cortes de; LACERDA, Helena da Rosa Cortes de; ABREU, Estela dos Santos. **Dicionário de provérbios: Francês, Português e Inglês**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2004. p. 762

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 23ª edição, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na Educação**. In: LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko (Org.). Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade. Campinas: Alínea, 2005. Cap. 1. p. 15-58.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências Pedagógicas na prática escolar**. In: Democratização da escola pública. São Paulo: Ed. Loyola, 1984. p. 19-44.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Reflexões sobre currículo: as relações entre senso comum, saber popular e saber escolar**. Em Aberto, Brasília, n. 58, p. 14-23, abr/jun. 1993.

MAIA, Diego Corrêa; MAIA, Ana Claudia Nogueira. **A utilização dos ditos populares e da observação do tempo para a Climatologia Escolar no Ensino Fundamental II**. Geotextos, Salvador, v. 6, p.51-71, jul. 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005. p. 203.

NASUTI, Stéphanie; CURI, Melissa; SILVA, Neusiene Medeiros da; ANDRADE, Anna Jéssica Pinto de; IBIAPINA, Izabel; ROZENDO, Cimone; SAITO, Carlos. **Conhecimento Tradicional e Previsões Meteorológicas: Agricultores Familiares e As “Experiências de Inverno” no Semiárido Potiguar**. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 44, n. 5556 especial, p. 383-402, jun. 2013.

PONTUSCHKA, Nídia.; PAGANELLI, Tomoko; CACETE, Núria. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 383.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROBERTS, Royston. **Descobertas acidentais em ciências**. Tradução: André Oliveira Mattos. Campinas, SP: Papirus, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa**. São Paulo: Schwarcz, 2002. p.140.

SILVA, Neusiene Medeiros da; ANDRADE, Anna Jéssica Pinto de; ROZENDO, Cimone. **‘Profetas da chuva’ do Seridó potiguar, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi,

Belém. Ciências Humanas, v. 9, n. 3, p. 773-795, set.-dez. 2014.

SILVA, Severino Felipe da; MELO NETO, José Francisco de. **Saber popular e saber científico**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v. 24, n. 2, p.137-154, jul. 2015.

SOUZA, José Vitor Rossi; MAGALHÃES, Beatriz. **Geografia e Ensino: o uso dos ditos populares na sala de aula**. In: XIII Congresso Nacional de Educação, 2017, Curitiba. XIII Congresso Nacional de Educação - Formação de Professores; contexto, sentidos e práticas, 2017. p. 5543-5556.

SPOSITO, Eliseu Savério. **O livro didático de Geografia: necessidade ou dependência? Análise da avaliação das coleções didáticas para o ensino fundamental**. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Livros didáticos de História e Geografia: avaliação e pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 55-71.

STEINKE, Ercília. Torres; FIALHO, Edson. **Projeto coletivo sobre avaliação dos conteúdos de climatologia nos livros didáticos de Geografia dos 5º e 6º anos do Ensino Fundamental**. Revista Brasileira de Climatologia, Curitiba, v. 20, n. 13, p. 71-96, 2017.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço Geográfico uno e múltiplo**. Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v.93, 15 jul.2001.

THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. Rev. Bras. Educ.[online]. 2008, vol.13, n.39, p. 545-554.  
TONINI, Ivaine Maria. **Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. p.88.

XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLÔR, Cristhiane Carneiro Cunha. **Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências**. Revista Ensaio (Belo Horizonte). 2015, vol.17, n.2, p.308-328.